



Flora Saporto

Nehama Pohatchevsky

Para Naomi F.

Após amamentar o pequeno Nissim, Flora colocou-o de volta no berço e foi terminar de pendurar as roupas de trabalho que Preciado usaria no dia seguinte. Depois disso, tentou justificar o atraso do marido em retornar naquela noite para casa e disse a si mesma:

- Ele realmente precisa ficar fechado em casa como eu? Toda mãe é obrigada a doar sua alma aos filhos, ela permanecerá ligada a eles para sempre, mas o pai, depois de um árduo dia de trabalho no campo, não pode passar uma hora do dia de maneira agradável?

Além disso, como ela poderia ficar com raiva dele, se ele tem ficado apenas um pouco a mais na casa de Francis, aquele professor gentil e excelente ser humano, que passa a maior parte das noites se debruçando em seus ensinamentos e no estudo das orações sinceras e agradáveis – por acaso é fácil dizer adeus a uma pessoa assim tão rapidamente? E mais, eles têm, por acaso, outros amigos com os mesmos interesses intelectuais nesta colônia *ashkenazita*?

Com os *ashkenazitas*, no entanto, eles não têm muito contato. Embora se encontrem na sinagoga e no escritório da casa do povo, não existe um relacionamento próximo entre eles, por isso é que Preciado fica entediado e procura alguma companhia, então ela tem o direito de se ressentir disso? Aparentemente ela poderia seguir o mesmo caminho que sua irmã, quer dizer, amargar a vida do marido, imputando-lhe queixas, recriminar suas ações, e seguir seus passos, mas não, não é bom ficar irritada como Sultana fica, é preciso seguir o jugo da vida com paciência!

Flora não obedecia a mesma lógica seguida por sua irmã, embora houvesse algo que perturbava seu descanso. E, no entanto, em seu íntimo ela achava que seu marido deveria se lembrar que os dentes de Nissim estavam crescendo e que o dia inteiro ele queria ficar no seu colo, e mesmo à noite ele não lhe dava sossego. Ele também deveria se lembrar da carta que ela recebeu de Jaffa, na qual ficou sabendo da doença de sua irmã, e por isso ela tinha que se preparar para a viagem que iria acontecer na manhã seguinte. E então, com tantos imprevistos, como é que ele não ficou em casa naquela noite para ajudá-la?

Ela ficou ofendida, mas em seu íntimo decidiu demonstrar altivez quando concluiu que as esposas são melhores do que os maridos, sim, elas são mil vezes melhores do que eles!

Naquele momento ela se lembrou de seu cunhado Saad; ela corou e concluiu que realmente havia homens excepcionais e refletiu – como Saad é bom com Sultana, ele



a trata com a maior deferência, tal como os *ashkenazitas* tratam suas esposas, lhe dá carinho e atenção, e demonstra piedade de Sultana quando ela está angustiada ou sofrendo. Mas de que adianta tudo isso se a boba não sabe valorizar suas boas atitudes, e todos os dias ela amargura a vida do esposo? Ela não quer uma única filha! Ela não quer apenas a Tsiona, ela quer que ele lhe dê alguns meninos. E por que toda essa insistência? Porque Flora já tem três? Que boba, ela não percebe que é preferível ter consigo a Saad, do que dez filhos?

Depois de refletir sobre sua irmã Sultana, Flora terminou o trabalho e empacotou suas coisas. Já era tarde e Preciado ainda não tinha chegado. Era grande o tamanho da ofensa e grande a amargura em seu coração. - Flora pode ser explorada e negligenciada – ela pensou! - Flora é muito boa - assim era vista desde a juventude – ela nasceu para servir os outros, para cuidar dos outros, para lhes entregar a própria vida! Flora sofre e se cala - e porque não haveriam de se aproveitar dela e não se aproveitariam de seu coração enquanto ela ainda tinha algo a oferecer?

Depois do desabafo ela recuperou-se e se animou, rangeu os dentes por um instante e desejou dominar a raiva. Aproximou-se do armário e tirou uma caçarola na qual esquentou o leite, derramou-o em um copo e bebeu em pé observando as camas das crianças, enquanto seus lábios sussurraram:

- É preciso de muita paciência para manter as forças com eles - ajude-me, Deus!

No dia seguinte cedo, ela viajou com dois filhos para Jaffa na mesma charrete que tinha servido anteriormente para o descarte do lixo de Jerusalém. No caminho, ela se lembrou da irmã e pensou: - quem sabe que novas mágicas ela já deve ter usado! Ela não se contenta com as ciganas, os xeiques, os dervixes, ela até procurou o benzedeiro iemenita que lhe deu água benta do poço de Shalom Shabazi, que cozeu para ela ervas entre sussurros e ordenou que ela bebesse assim que escutasse a voz do primeiro homem. Tudo o que ela faz lhe causa sofrimento, até à medicina alternativa Sultana já recorreu, gastou muito dinheiro, porém foi tudo em vão, tudo consumiu suas forças e lhe causou tristeza.

E, além disso, Julia, uma conhecida parteira, ordenou que guardasse uma poção dentro de um vaso de cerâmica preto por três dias, para depois mergulhar a poção em água morna e beber de pouco em pouco. Não admira que a disenteria a afligiu por três meses. Quem sabe do que mais essa boba é capaz! Quem sabe o que aconteceu aí desta vez? Talvez o xeique lhe tenha dado aquela droga de novo?

Mas desta vez, ao chegar a Jaffa, Flora encontrou Sultana febril. Era uma febre simples e leve, e sem muita dificuldade foi controlada. E na cidade, Flora se encheu de energia. Ela amava Jaffa, não a cidade em si, mas o mar e a pequena casa na costa, lugar onde seu pai também morava e onde ela passou a juventude e a adolescência. Foi ali que eles passaram provações e tormentos, tristezas e saudades. À noite ela



gostava de subir ao telhado e ali ficar ouvindo o barulho das ondas, quando as memórias inundavam sua mente.

Quando ela tinha cerca de dez anos e Sultana oito, o pai delas foi morar em Jaffa. Ele tinha sido nomeado pela Polícia de Jerusalém, para ser delegado policial na cidade. Ali, longe de seus parentes, sua vida com as duas órfãs tornou-se amarga e mais difícil. Ele ficava apreensivo quando era obrigado, noite após noite, a cumprir seus plantões na polícia e abandonar as duas meninas sozinhas na pequena residência. Ele vestia seu uniforme e saía em silêncio, mas seu remorso e preocupação eram grandes. Ele fechava a porta e testava a fechadura para verificar se a porta tinha ficado trancada, e seguia em frente. Andava um pouco pela vizinhança e voltava para verificar se a porta tinha ficado efetivamente trancada, e para se certificar, encostava o ouvido na porta antes de partir definitivamente. E mesmo ouvindo barulhos, o som do mar o impedia de perceber o que estaria acontecendo dentro da residência. Então ele pensava: será que as meninas estão acordadas ou dormindo? Ele ficava parado por um bom tempo e depois voltava para sua ronda sentindo sempre saudades das filhas.

Ele não via muito suas filhas durante a semana, pois elas permaneciam a maior parte do dia na escola, e apenas à noite ele passava em sua companhia. Depois do jantar elas continuavam as aulas e ele escolhia entre os livros um que contivesse histórias fáceis e lia com muito prazer. As meninas lhe contavam orgulhosas que esse livro tinha sido escrito por um de seus professores, o mesmo homem alto que o pai às vezes encontrava ao passar rapidamente pela praia. Depois disso, as meninas ficavam conversando sobre as outras professoras e sobre a diretora que também ensinavam-lhes francês após o horário escolar, e como esta tinha aplicado uma punição à perversa menina *ashkenazita*, que sempre as incomodava xingando-as com o termo *frenkina*¹.

Às vezes, o pai participava das aulas de francês, e com a curiosidade de uma criança, tentava imitar a escrita das filhas e, quando conseguia desenhar algumas letras, se virava para as meninas e dizia-lhes rindo: - vejam meninas, como o investigador Benisti escreve em francês. - Elas então espiavam a letra do pai e irrompiam numa risada alegre.

Quando cresceram e terminaram a escola, as duas começaram a trabalhar com costura e bordado com o intuito de ajudar o pai financeiramente. Então ele olhava para as filhas e ficava feliz. Flora era loira com cachos claros e com grandes olhos azuis, e seu olhar penetrava a todos os que a observavam. Já Sultana tinha uma longa

¹ *Frenkina* – termo pejorativo usado por moças de origem *ashkenazita* contra as moças de origem *sefardita*, querendo dizer que elas seriam bobas ou pouco instruídas, incultas e tolas.



cabeleira preta, nariz fino e pontudo e olhos também penetrantes. – Elas não são lindas? – orgulhava-se Benisti. Nessa mesma época, o pai percebeu como os jovens *sefarditas* começaram a olhar para suas filhas com desejo, mas ele já estava de olho num jovem *ashkenazita*, que às vezes aparecia na casa da família, trazendo consigo alguns livros. Era esse o jovem que ele desejava ter como noivo para Flora. Mas a casa era também frequentada por um outro rapaz, Preciado Saporto, um estudante búlgaro na escola agrícola *Mikveh Israel*. Uma vez por mês, em vésperas do sábado, o estudante se deslocava com grande pressa de *Mikveh Israel* a Jaffa. Ele carregava um forte cheio de flores inebriantes, o cheiro dos laranjais dourados, e no coração, a marcante lembrança de Flora. Apenas uma coisa deixava o jovem temeroso: a imagem de Sultana. Ela sempre lhe pareceu muito séria e arrogante então ele se questionava: por que ela sempre olhava para ele de cima, numa postura tão altiva?

Sultana, com sua pose ereta, com seu lindo rosto detraços finos, seu olhar sério e sua postura dominante, era a 'Rainha da Casa'. Devido a sua postura altiva, não havia na casa paz entre as duas irmãs. Embora uma amasse a outra, e ambas tivessem caráter forte, o amor de Flora por Sultana era muito maior. Com devoção absoluta, Flora cumpria todas as suas ordens com meticulosidade. Ela via a si mesma como a mãe de uma pobre órfã, por isso, não havia nenhuma tarefa demandada por Sultana que Flora considerasse difícil. Apenas esporadicamente, ela era tomada por pensamentos a respeito do caráter difícil de sua irmã, em especial no que se relacionava a sua teimosia e insistência, e então ela se questionava a respeito tentando entender qual seria a razão pela qual Sultana amargurava sua vida e a vida de todos aqueles que a rodeavam. Mas de imediato, era tomada por fortes sentimentos de amor para com a irmã, e ao final, ela concluía que Sultana, apesar de sua personalidade forte, precisava de misericórdia e de compaixão apesar de toda sua teimosia. E a suspeita de que sua irmã poderia estar um pouco perturbada da cabeça, foi confirmada por uma amiga *ashkenazita*, que lhe disse certa vez, que Sultana devia sofrer dos nervos.

Os embates entre as irmãs tornaram-se mais frequentes desde que Saporto se aproximou de Flora. Bastava uma palavra, um movimento que não agradasse Sultana, e a casa era tomada pelas brigas que terminavam em choro, gritos e arrependimentos.

Flora frequentemente, após tais eventos, se compadecia de sua irmã. Ao final das contas, ela refletia, sua irmã era fraca e doente, e por isso era preciso perdoá-la pelas ofensas, pela tristeza e por tudo. E, no entanto, seu coração ficava abatido e ela permanecia pensativa, pois toda vez que Sultana a ofendia e a insultava, Flora começava a chorar, se deitava e enfiava a cabeça, fundo num travesseiro. Nesses momentos, ela era tomada por pensamentos perturbadores: ela não podia continuar vivendo em função dos outros, ela precisava de momentos de paz e tranquilidade. Nessas horas ela chegava à conclusão que era preciso parar de se preocupar tanto com Sultana. E então, se lembrava de que Sultana certamente, não tinha se



alimentado adequadamente naquela noite. E o que ela fazia? Pulava da cama rapidamente para acender o novo forno que ela tinha comprado para que seu pai pudesse preparar um café à noite. Flora esquentava leite para Sultana e lhe servia o leite quente juntamente com um pedaço de bolo que tinha preparado para a manhã seguinte.

Sultana, no entanto, optava por não beber e nem comer o bolo, ao que Flora reagia com tristeza e grande remorso e passava a sentir-se culpada, recriminando-se por ser uma má pessoa, uma mulher perversa que não tivera compaixão da coitada de sua irmã, que a deixara profundamente irritada a ponto de Sultana chegar a arrancar os próprios cabelos e a dar murros com a cabeça na parede. Não, não! Ela nunca mais responderia às provocações de Sultana, tentaria se conter e nunca mais se deixaria levar pela ira. E esta decisão seria difícil de cumprir? Não, não seria difícil, pois sua nova vida era cheia de amor, ao fim das contas, ela tinha apreciado, seu gentil e amável esposo. Mas, novamente era tomada pelo remorso que a levava a sentir-se culpada, quando se lembrava de como ela era feliz e amada enquanto que a pobre Sultana, nada possuía, nada!

Tempos depois, as duas filhas do policial Benisti casaram-se no mesmo ano. Sultana escolheu a Saad Ben Tawfiq Hanukkah, um pequeno comerciante de NevêShalom, e fixou residência em Jaffa, enquanto que Flora tornou-se uma pioneira depois que o JCA² recrutou a Preciado Saporto, que tornou-se um exímio e habilidoso agricultor. Inicialmente, a vida na colônia agrícola foi difícil e estranha para Flora, porém lentamente, e um ano após outro ela foi se habituando cada vez mais, até parecer uma camponesa de nascimento, que amava o campo, o jardim, o galinheiro e o estábulo. Apesar de dar a luz com frequência, Flora tornou-se uma habilidosa ajudante de Preciadona comuna agrícola. A cada nascimento Flora interrompia o trabalho por algumas semanas. Mas assim que ela ficava um pouco mais forte, se incorporava ao trabalho no jardim e no estábulo. Então tudo lhe parecia novo e agradável novamente;- que cor bonita possuíam os tomates no jardim, e como eram enormes as flores, como eram lindas suas folhas aveludadas após uma noite de orvalho!

Quando se dirigia ao estábulo, a primeira a virar a cabeça em direção a Flora era uma vaca que ela passou a chamar de Barriguda. Ela sempre reconhecia sua dona e, por

²Diante das perseguições e pogroms ocorridos no Império Russo no final do século XIX e início do século XX, o Barão Maurice de Hirsch, filantropo alemão de origem judaica, preocupado com as perseguições, criou em Londres em 1891 a Jewish Colonization Association (JCA) e instalou colônias agrícolas no Brasil, na Argentina, no Canadá e nos Estados Unidos. Posteriormente a ICA passou a apoiar também as colônias agrícolas na Palestina, embora quem tenha apoiado inicialmente as colônias fundadas na época da 1ª onda imigratória iniciada em 1881, tenha sido o grande filantropo judeu francês, o Barão Edmond James de Rothschild.



isso, parecia sempre alegre com seu retorno. Foi num desses retornos ao estábulo que Flora percebeu que a filha da Barriguda tinha crescido, mas continuava bastante magra. Flora acariciou seu pescoço e desgostosa reparou que a pequena bezerra estava coberta de carrapatos. - Se a dona não está,- dizia, - quem haveria de dar um banho à coitada? Coitadinha, quem haveria de impedir os parasitas de comerem sua carne? - Flora continuou seu labor no estábulo e foi ordenhar outra vaca que recebeu o nome de Vermelha. Quando acabou, foi tomada pelos pensamentos e percebeu que já era capaz de prover parte do sustento de sua família com o trabalho de suas mãos – isto não deveria ser a maior felicidade para uma mulher – pensou Flora.

No dia seguinte, cedo, ela já estava recolhendo feno para alimentar suas vacas. Vermelha, a mais enjoada de todas, não queria mais experimentar as ervas ressequidas do campo, e por isso, era preciso lhe trazer alguns vegetais. O jardim estava cheio de vegetais, e Flora resolveu preparar comida para as vacas. Ela encheu uma cesta de abobrinhas, cortou-as e as colocou em panelas dentro do forno. Quando os vegetais amoleceram, ela deixou que esfriassem e, antes do anoitecer, serviu os alimentos com a esperança de que as glotonas ficassem satisfeitas e assim dessem mais leite ainda. Ela se aproximou de uma das vacas, apalpou suas tetas e pode verificar que elas estavam pesadas e cheias de leite.

Mas acontecia às vezes, que suas esperanças não se cumpriam. Em certa ocasião, Kushma, a filha da Barriguda, tinha se aproximado na noite anterior de sua mãe para mamar a maior parte de seu leite. Flora pode apenas se satisfazer após ter ordenhado a Vermelha e ter verificado que sua produção de leite era mesmo muito grande. Flora percebeu que, devido ao fato da bezerra estar fraca, nada mais justo a fazer era deixá-la mamar todo o leite de sua mãe. Então Flora disse: ela mamará e dessa forma se fortalecerá. E refletindo novamente: - É por acaso esta bezerra não é cria desta fazenda? Por que ela não haveria de receber esta regalia?

Depois disso, Flora conduziu as vacas e os bezerros ao poço, e no caminho, Kushma, a jovem bezerra, começou a saltitar com muita alegria, como costumava fazer no inverno, depois de ter se saciado comendo ervas frescas ao longo do dia. Calmamente, Flora observou suas travessuras, e então ela se lembrou de seus filhos e saiu correndo rapidamente para casa. Com muita pressa, ela passou por um atalho entre os morangos maduros, depois por um beco com cheiros de perfumes de flores, flores de folhagens pequenas e arroxeadas. Um pássaro amarelo de cauda longa e com uma bela tonalidade colhia sementes no meio do esterco ressequido, e agarrava com seu bico fino um grão após outro. Vendo o passarinho, Flora se deteve para uma pausa, e para não interferir na alimentação dessa linda criaturinha. Mas de repente um vento sussurrou entre os galhos de morango, o pássaro ouviu, ficou paralisado de susto e partiu num voo apressado pelo campo.

Ao chegar a seu quintal, Flora foi saudada por um bando de pombos brancos, que voando do galinheiro começaram a se enroscar a seus pés numa tagarelice estridente.



As galinhas também começaram a correr em sua direção e na frente delas, todo ereto marchava o galo de crista vermelha como o fogo, ele também batia suas asas. Da janela vinham as vozes das crianças gritando - Mamãe, mamãe! E todos eles estavam aos prantos. Flora subiu as escadas rapidamente e murmurou aflita: - As crianças estão com fome, agora todo mundo está com fome! Meus pequenos terão que esperar mais um pouco! – Ao entardecer, ela foi com seus filhos em direção ao rebanho. Ela se deteve num beco para observar o lindo céu do final da tarde. O sol já estava baixo, muito baixo, mas ainda parecia envolver as nuvens em fogo, nuvens tênues de uma tonalidade azul-escuro. E de longe, silenciosa, lá no Oeste, já estava a lua derramando ondas brancas enquanto no Leste começava a escurecer.

As vacas tardaram para voltar do campo e Flora foi amamentar seu filho. Quando acabou, saiu e encontrou as vacas no quintal, e quando viu suas tetas cheias de leite exclamou rejubilada - viva! Flora então foi acariciando as vacas uma a uma, chamando cada uma delas pelo nome de afeto. Ela observou em seus olhos e pareceu-lhe que elas estavam admiradas com o amor de Flora por elas - pobres criaturas – disse Flora. E nesse momento Francis, o professor, chegou por um beco e entrou no pátio da casa.

- Estas são suas vacas, Flora? – perguntou Francis após cumprimentá-la.

Ela consentiu com a cabeça e disse:- Sim, senhor! O Senhor está vendo? Esta aqui é a Vermelha, ela tem apenas quatro anos. Por favor, olhe seu tamanho, certamente ela será uma vaca grande, não é?

- Eu sou um idiota completo nestas questões -respondeu Francis, ficando atento à continuação de sua fala. – Estas bezerras, quando já tiverem desmamado, vou vendê-las e colocarei todo o dinheiro da venda no banco. Será o começo de uma reserva destinada ao dote de Simcha, minha filha e sua discípula. – Nesse momento, Flora abraçou a pequena Simcha, balançando seus cachos dourados e curvada a beijou.

- Ela certamente será uma noiva linda e piedosa, - disse Francis - por favor, venha, pequena, aos meus braços – e Francis lhe fez um sinal indicando-lhe com um dedo para que se aproximasse, acariciando levemente sua cabeça.

Após o parto da nova criança, para Flora o mais duro era dar conta da lavagem das roupas. Apesar de sua boa vontade, ela se viu obrigada a contratar uma moça árabe para que lhe ajudasse nos afazeres domésticos. Para tanto, empregou a tagarela Terpajda- vamos, vamos - ela tinha que apressá-la o dia todo. Mas Terpajda que era profunda conhecedora de todo o cotidiano da colônia além de todos os mistérios da



vida, estava profundamente ocupada com notícias do mundo da política, pois aqueles eram dias de guerra no país³.

- O Sultão atingiu a quinhentos milhões de inimigos – disse Terpajda com entusiasmo.

- Como você sabe disso? – perguntou Flora com um sorriso.

Ao que Terpajda retrucou:

- Anteontem houve uma grande procissão em todas as ruas da cidade. Multidões marcharam atrás dos porta-bandeiras que proclamaram em todos os lugares: o Sultão atingiu os infiéis, ele atacou os inimigos de Alá, e atingiu a quinhentos milhões de inimigos. Até os jornais anunciaram com grande júbilo: Viva o Sultão Al-Kabir, viva o governador dos muçulmanos! Milhões de infiéis, milhões de inimigos foram atingidos – disse Terpajda com júbilo.

- Quanto é um milhão de pessoas, você sabe responder? – perguntou Flora.

- Como devo eu saber, minha mestra, e por acaso nós, mulheres árabes, somos estudadas como vocês? – respondeu-lhe Terpajda.

- E você sabe qual é sua idade, Terpajda?

- Não, isso também não me foi ensinado até hoje - ela suspirou e disse que isso não importava mais, pois ela já era uma velha!

Terpajdatinha trabalhado na colônia nos dias de um oficial gorducho e zangado, e também junto a um jardineiro cristão, que gritava e chamava os judeus, seus trabalhadores, por vários nomes de escárnio. Durante os anos em que ela trabalhou na lavanderia, passaram pela colônia vinte e sete enviados do Barão. Flora não tinha paciência para ouvir as tagarelices de Terpajda. Mas o que Flora observava era que a roupa não tinha ficado limpa, e então ela ficava zangada e chateada e começava a chorar de tristeza.

- Que azarada que você é – pensava Flora - sem a ajuda de uma moça árabe você é incapaz de fazer seu trabalho?

E além de dar conta da lavagem das roupas, os dias destinados a assar o pão tornaram-se também muito difíceis para Flora, deixando-a triste. Nas casas de suas

³ Como o conto *Flora Saporto* foi publicado em 1914, é possível supor que Pohatchevsky esteja se referindo à eclosão do que seria chamado posteriormente de Primeira Guerra Mundial, na qual o Império Turco Otomano alinhou-se à Alemanha, entrando em confronto contra França e Inglaterra, que acabaram conquistando territórios no Oriente Médio, levando ao ocaso do Império Otomano e à conquista da Palestina pelas forças britânicas em dezembro de 1917.



vizinhas *ashkenazitas*, os pães saíam do forno tão altos e bonitos, e só na casa dela os pães que ela assava saíam do forno pequenos e achatados. Afinal, ela fazia de tudo para que os pães crescessem bem, ela não poupava trabalho, mas o resultado era sempre uma decepção! Ela ficava brava e exclamava para si mesma - que azarada e mal-sucedida você é. - Ela merecia até mesmo ser açoitada por fazer pães assim, um pão que vai estragar o estômago de quem o ingerir. A decisão que ela tomava nessas ocasiões, era o de fatiar esses pães para os pobres e assar outros em seu lugar, mas de onde ela haveria de tirar forças para assar outros pães?

Então ela voltava a refletir a respeito de outras ações mal-sucedidas. Às vezes, por causa do árduo trabalho à noite, ela se esquecia de alimentar as galinhas. E quando se lembrava disso, acabava acordando exaltada durante a noite, e esses pensamentos não a deixavam pegar no sono. Ela se sentia culpada de ter cometido um pecado em contra de animais famintos e, por isso, seu coração ficava atormentado.

Também acontecia às vezes, que à noite ela se esquecia de fechar os bezerros no curral e como consequência, as vacas se aproximavam, mas ao perceberem que seus bezerros não estavam ali, elas se recusavam a produzir leite e a serem ordenhadas. Por isso elas mugiam a noite inteira e tais mugidos impediam que Flora pudesse dormir em paz. Acordada durante a noite, era tomada pelos sentimentos de culpa: - quem sabe se algum animal feroz devorou os bezerros! E se tal coisa realmente aconteceu, seria culpa sua se esse desastre realmente viesse a acontecer! - Mas de manhã, quando os bezerros eram encontrados saltitando e pulando entre o milho, Flora começava a chorar de alegria.

E uma vez realmente aconteceu um desastre, mas desta vez não por sua culpa. Aconteceu que uma mula que morava na colônia e que valia vinte napoleões, morreu. Flora foi tomada por uma grande tristeza, mas ela tentou se conter para não entristecer ainda mais a Preciado, que chorou muito por sua forte mula branca, que foi sua permanente companhia no árduo trabalho por cinco anos consecutivos. Ele ficou arrasado e disse:

- O que faremos, o que faremos? Sem a mula, o que acontecerá?

Ao que Flora respondeu sorridente, tentando animá-lo:

- Não podemos ficar assim, somos saudáveis, então graças ao trabalho árduo conseguiremos comprar uma outra mula!

Mas em seu íntimo, seu coração doía e ela não conseguia parar de refletir sobre os detalhes do caso. Ela se lembrou de ter sido acordada pela mula dois dias atrás com estranhas batidas na parede do curral, e nesse momento ela já tinha percebido que algo de errado estava acontecendo. Por dois dias e duas noites Flora cuidou da mula, mas nenhum tratamento funcionou! - O que será que teria acontecido? Será que ela fora picada por uma cobra, um escorpião ou algum outro inseto? Pobre animal,



quanto sofrimento e angústia seus olhos refletiam, quantos pedidos por misericórdia se refletiam em seus tristes olhos para salvá-la. Mas quando o dia amanheceu e Abdallah bateu na persiana carregando uma lamparina na mão, ela entendeu tudo. Nesse momento só lhe restava consolar e tentar fortalecer o coração de Preciado. E quando uma multidão se congregou em volta do corpo da pobre mula, Flora não conseguiu mais se conter e desabafou dizendo:

- O que todos esses curiosos estão olhando aqui, por acaso vieram rejubilar-se com a dor alheia?

E com essas palavras Flora dispersou aquela multidão, permanecendo em pé e de luto. Seu coração se esvaiu e ela não pode mais retornar ao trabalho por todo o restante daquele dia. Por que ela haveria de trabalhar, de se esforçar tanto e tentar economizar, se o diabo podia aparecer qualquer momento com o único objetivo de destruir o árduo labor de tantos anos?

Depois de duas semanas, Preciado lhe revelou sua intenção de solicitar um empréstimo a fim de comprar um cavalo. Flora irritou-se e lhe disse: - Nós não precisamos de favores, nem de pena, mas apenas de mais esforço. Não, eu não quero. Eu ajudarei você ainda mais, mas um empréstimo não, Deus nos livre, Deus nos livre!

E não foi só nessa ocasião, mas em muitos outros momentos da vida que Flora não ficou ao lado do marido, defendendo sua própria opinião. Eles, Flora e Preciado eram tão diferentes em muitos aspectos. Ele era uma pessoa que acreditava muito em si mesmo. Tudo o que ele fazia lhe parecia bom e honesto. Ele sempre acreditava que seria bem sucedido, confiava em seu talento e em suas habilidades. Já ela vivia aflita e torturava-se por supostamente não dar conta de todas as suas obrigações. Ele parecia sempre feliz e satisfeito, reconhecendo que seu presente era muito melhor que o passado. E ainda, costumava se gabar em relação ao futuro dizendo:- o que um homem pode esperar do futuro tendo a disposição uma terra tão maravilhosa como esta? – Já Flora não partilhava da mesma felicidade. Ela estava imersa no árduo trabalho e vivia preocupada com a criação dos filhos. Toda doença que se abatia sobre seus pequenos, deixava-a aflita. Um era admoestado pelo crescimento dos dentes, o outro por uma dor de olhos, e o terceiro que tinha sido atingido por uma inflamação intestinal. A ela sempre cabia a tarefa de cuidar de todos e acontecia que ela passava noites e dias e até semanas sem poder sequer trocar de roupas, tentando acudir seus filhos com o máximo carinho e compreensão.

E às vezes Flora era convocada para viajar até Jaffa, para prestar ajuda a sua irmã, além disso, ainda ela tinha que cuidar de seu velho pai. E Flora tinha que zelar por todos enquanto ela mesma estava sempre cansada e tomada de remorsos, sentindo-se culpada por talvez, não ter atendido a todos de forma satisfatória: - Será que ela deu à primeira criança uma alimentação plenamente saudável? Será que ela vestiu a segunda criança com roupas limpas? E a terceira que foi para a escola descalça,



certamente ficará gripada, não ficará? E Preciado? Será que a comida que ela lhe enviara era suficiente, ou ele estaria passando fome no campo o dia todo?

Às vezes era tomada por uma solidão terrível, e sentia-se sozinha. E na verdade, ela realmente estava ali sozinha! Todos a sua volta na colônia agrícola eram estranhos. Somente a senhora Stein, dentre todas as mulheres *ashkenazitas* da aldeia, demonstrava interesse e a visitava com certa frequência. E mesmo quando Flora visitava a casa da senhora Stein, lhe parecia estar sendo perseguida pelo terrível termo *Frenkina*, ou por outros termos que ela desconhecia seu significado. E quando a idosa se aproximava dela lentamente, Flora observava a pele de seu rosto enrugado, seus ralos cabelos dourados e seus óculos de lentes amareladas, seu olhar oblíquo, um olhar especial, caloroso e bonito, imagem que a fazia lembrar-se de sua própria mãe.

Às vezes, Flora ficava tão debilitada que perdia o próprio equilíbrio ao ter que se preocupar com a administração da casa. Nessas horas ela se ressentia com Preciado pelo fato dele não saber falar com as crianças em hebraico da forma como ela almejava, por ele não saber como educá-las, por não devotar-se nem a eles e nem a ela. Às vezes lhe parecia até que ela o odiava, e então surgia uma pergunta em sua mente: - Como ela fora capaz de ligar-se a uma pessoa que é tão diferente dela? Mas depois se arrependia desses pensamentos pecaminosos e era tomada novamente de piedade para com Preciado e um novo pensamento a invadia: Como fora que uma mulher má como ela teve a sorte de ter alguém tão especial como ele por esposo?

A vida de Flora não era guiada apenas por momentos de alegria ou de aflição. Às vezes ela era tomada por momentos de exaltação como, por exemplo, quando Preciado voltava para casa após um dia de trabalho e, na hora do pôr do sol, ele a chamava para observar, ao longe, as lindas montanhas da Judéia. Ela então se aproximava da janela para ver a corrente de montanhas douradas envoltas num manto azul, e um grito de alegria irrompia de sua boca, ao se deparar com o sumiço do sol. Nesse momento ela aproximava o pequeno Nissim do colo do seu pai, enquanto este continuava observando como o céu, ao Oeste, se enchia de variadas cores e como os areais eram iluminadas por uma tonalidade azulada que lhe recordavam o mar. Nesses instantes, Flora sentia-se reconfortada por uma agradável delicadeza. Nessa hora, Saporto se aproximava e Flora segurava seu burro e colocava o pequeno Nissim sobre seu lombo. Nissim cavalgava lentamente sobre o animal enquanto Flora lhe contava a respeito do mar que ele nunca tinha visto. Depois disso, eles entravam no jardim e na horta ao lado do quintal de casa. Tudo ali era cativante. Cada sulco era especial, para ela a beleza que ali reinava era especial. Nesse momento, Flora contava a Saporto a respeito da produção agrícola obtida naquele dia no jardim. Todo mundo queria comprar suas beterrabas, seus feijões e os grãos de bico – Que tolos – pensava Flora - Por que não semeiam tudo isso em suas próprias hortas?



Quando o caçula cresceu, Flora sentiu a necessidade de cuidar de seu lado espiritual. Ela tinha percebido que a senhora Stein possuía muitos livros em hebraico. Por essa razão enviou a Simcha, sua filha até a casa da senhora Stein dizendo:

- Vá minha filha e me traga da casa da senhora Stein um livro longo e bonito. E por favor, não se esqueça de dizer para a senhora obrigado!

Com o passar dos anos, Flora teve que se conformar com a triste constatação de que Preciado não sabia hebraico, e que ela era a única da casa capaz de falar naquela língua que tanto amava com os filhos, mas ela não conseguia se acostumar com o fato de que seu esposo era incapaz de ler os livros que ela arranjava. Esta situação a deixava extremamente triste, então ela procurava se esquecer da situação concentrando-se nas leituras. No entanto, o único dia que ela podia dedicar à leitura era o sábado. Embora nem tudo fosse descanso para uma mãe de três filhos, ela ainda encontrava alguns momentos de lazer. Enquanto Preciado ia com Francis até a sinagoga, ela saía com uma criança para o outro lado do quintal e se sentava numa colina. Na rua de baixo, sua filha brincava com as crianças *ashkenazitas*. Ela então tentava abrir o livro, mas seu coração era atraído para o belo ambiente do *Shabat* que se estendia asua volta. O sol já estavase pondo e fios dourados percorriam o horizonte azulado. As montanhas da Judéia lhe pareciam tão próximas e Flora era incapaz de tirar os olhos das proximidades. Por alguns instantes o sol ficou escondido entre as densas montanhas, sussurrou nas alturas e pareceu saltar duplamente iluminado.

Nesse instante, o limite da colônia ficou iluminado, cercado pelos vinhedos, pelas oliveiras e amendoeiras, e a luz se estendeu diante deles. Perto de Flora, a floresta de eucaliptos silenciou. Do alto da colina, à direita, das janelas altas da casa de orações, podia ser ouvida uma melodia carregada de amor: Vamos louvar a Deus! Que venha a noiva, que venha! – E dentro de uma pequena casa baixa, os *iemenitas* rezavam, sua voz parecia triste, aguda, mas capazes de encher o coração de Flora de santidade. O livro ficou apoiado numa parede e ela até se esqueceu dele. Por um instante ela se esqueceu até de seu bebê e do mundo inteiro. Sua alma pareceu voar rumo a mundos lindos e encantadores.

Naquela noite de *Shabat*, Flora sonhou. E no sonho ela se viu entrando em Jerusalém, a cidade que fora construída entre os cumes das montanhas. De um lado ela viu o Monte das Oliveiras, mas seus túmulos não estavam mais lá e nem as cruzes da cidade eram mais visíveis. Toda a montanha lhe apareceu num enorme esplendor coberta de oliveiras, de azeitonas e de amêndoas!

E acima do Monte do Templo, a mesquita desaparecera e um outro magnífico edifício encontrava-se em seu lugar. E multidões de israelitas se aglomeravam ao lado do Portão Dourado que conduz ao Monte de Deus. E todos eles querendo acessar o pátio do Templo, que brilhava com grande esplendor, mas Flora não conseguia se aproximar da montanha por causa da multidão a sua frente. De repente,



ela viu que dois agricultores carregando enormes cachos de uvas sobre varas douradas atravessaram o portão, e eles gritavam pedindo para abrir espaço para permitir sua passagem. E nesse instante um forte clamor pode ser ouvido do alto. E os camponeses, com grinaldas de ramos de oliveira ao redor de suas cabeças, puseram-se em pé e andaram eretos e firmes. E ela foi empurrada pela multidão e caminhou atrás deles até que se deparou com uma escada de mármore rodeada por grandes pilares. Repentinamente ela viu alguém sentado num trono, enrolado com um capuz e com um manto de seda bordado com ônix e diamantes. Ela ficou chocada. Aquele rosto lhe pareceu familiar, parecia o rosto do avô Uziel! Poderia ser? Seria aquele o rosto do Messias? Flora desejou chorar, porém sua respiração se deteve ao acordar repentinamente, no meio de um forte tremor.

Tradução: **Gabriel Steinberg***

Nota do Tradutor

Nehama Feinstein Pohatchevsky nasceu na cidade de Brest na Lituânia, parte do Império Russo, que atualmente faz parte da República de Belarus em 1869. Casada com o pioneiro Yechiel Pohatchevsky, chegou à Terra de Israel em 1889, no período da primeira *aliyá*, estabelecendo-se na colônia agrícola de Rishon Lezion. Foi uma das fundadoras da associação feminina *Dvorá*, que se dedicava a difundir a língua hebraica na então Palestina sob o domínio otomano. Em sua colônia engajou-se também na luta pela obtenção da igualdade feminina, ou seja, do direito de escolher e de ser escolhida para cargos políticos e representativos, direito este que foi finalmente reconhecido em 1919. Pohatchevsky é vista atualmente, como uma das primeiras a se engajar na luta pelos direitos das mulheres, na época do renascimento nacional judaico na Terra de Israel. Além de ativista social e política, Pohatchevsky tornou-se também uma importante escritora e uma das poucas mulheres que obtiveram certo reconhecimento para a época, onde somente a escrita feita por homens será valorizada. Pohatchevsky faleceu em Rishon Lezion em 21 de maio de 1934.

O conto *Flora Saportocuja* tradução ao português é apresentada a seguir, foi publicado em fascículos ao longo do mês de fevereiro de 1914 no jornal *HaHerut*, uma importante plataforma intelectual pluralista da comunidade *sefaradita – mizrahi* que circulou na Jerusalém do período otomano, entre 1901 e 1917. O conto permaneceu no anonimato até recentemente, mais precisamente até 2014, quando foi localizado de forma casual pelo historiador israelense Moshé Behar, pesquisador e docente na Universidade de Manchester, que o descobriu nos arquivos da universidade britânica sem saber quem era sua verdadeira autora, já que o conto fora publicado sob o pseudônimo BatTsvi. Quem atribuiu pela primeira vez a autoria do conto a

* Professor do Departamento de Letras Orientais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.



Pohatchevsky foi a professora Rotem Wagner da Universidade de Tel Aviv, autoria que foi confirmada também pela professora e crítica literária Yaffa Berlowitz, da Universidade Bar Ilan. Sob o pseudônimo Bat Tsvi, Pohatchevsky dedicou o conto a sua sobrinha Naomi Feinstein, por ocasião de seu casamento.

Moshé Behar publicou o conto e uma extensa análise do mesmo em 2014 na revista literária *Peamim*. A crítica literária o tem reconhecido como uma das primeiras narrativas de cunho feminista, cuja personagem central é Flora Saporto, uma mulher integrante da comunidade *sefardita* que se tornou agricultora numa colônia agrícola predominantemente *ashkenazita* na Terra de Israel.

Referências

BEHAR, Moshé. Mea Le Flora Saporto: Sipur lo yaduá shel Nehama Pohatchevsky veefsharutá shel brit feministit mizrachit (100 anos de Flora Saporto: um conto desconhecido de Nehama Pohatchevsky e a possibilidade de um pacto feminista mizrachi). *Peamim*, 139 – 140, 2014, p. 9 – 54. Yad Ben Tzvi.

SAAR, Tsafi. Hassoferetha ashkenaziashekavá ethassipurhafeministihamizrachiharishon (A escritora ashkenazita que escreveu o primeiro conto feminista mizrachi). *Haaretz*, 04 mar. 2015. Disponível em: <https://www.haaretz.co.il/gallery/literature/2015-03-07/ty-article-magazine/.premium/0000017f-db14-df62-a9ff-dfd756f80000>. Acesso em 16 jul. 2023.

Recebido em: 30/09/2023.

Aprovado em: 12/10/2023.